

A PÓS-MODERNIDADE SOB O PRISMA DA HISTORICIDADE EM PAOLO ROSSI

Sara dos Santos Rodrigues (PIC/UEM), Vladimir Chaves dos Santos (Orientador). E-mail: saradriguesss@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá, Ciências Humanas/Filosofia, Maringá, PR.

7.00.00.00-0 Ciências Humanas

7.01.00.00-4 Filosofia

Palavras-chave: pós-modernidade, história, ciência.

RESUMO

Paolo Rossi mostra como o discurso hegemônico da pós-modernidade é norteado por uma desconfiança em relação ao poder transformador da ciência. Por outro lado, os defensores da ciência e os epistemólogos em geral aderem ao progressismo positivista. É o que chama de mito do progresso triunfal e contínuo da ciência. Tanto a tendência anticientífica e pessimista da pós-modernidade, quanto a visão positivista e otimista dos epistemólogos carecem de uma visão histórica de ciência, que não pode ser tratada com base em nenhum desses extremos. A consideração da historicidade revela que a história não é linear e é multifacetada, repleta de possibilidades em aberto, tanto no presente, quanto no passado. Ela permite relativizar os extremos e identificar oportunidades de atuação e transformação para melhor. O autor reflete acerca das possibilidades que a história da ciência poderia ter encaminhado, de modo que os conceitos de passado e de memória devem ser abertos e pensados conforme o conceito de historicidade; tal formulação pode ser útil às novas gerações e à revitalização da cultura: a construção de saberes não deve negligenciar a história da ciência e suas relações com um processo social complexo e multifatorial que pode determinar novos rumos e transformações.

INTRODUÇÃO

Paolo Rossi é um autor com uma ampla bibliografia sobre o estudo da história da ciência e da epistemologia, muito importante para a validação de algumas ciências, como a psicologia. Defensor do experimentalismo, Rossi preocupa-se com as tendências da pós-modernidade e com os rumos intelectuais que os novos pesquisadores têm tomado, ou cedendo a inclinações pessimistas que depreciam o poder da ciência como vetor de transformação e melhoramento, ou pelo contrário, sustentando uma concepção positivista de ciência progressista contrastante com uma sociedade falida alheia ao avanço tecnológico (2013, Rossi). O autor em sintonia com o movimento filosófico da “história das ideias” desconstrói a concepção triunfal da ciência e da sociedade industrial, sempre escapando de extremos teóricos como o progresso alienado ou o decadentismo primitivista; nunca é ingênuo ou

pessimista, mas um autor que acredita em uma sociedade que tem contextos e historicidade, que afetam sensivelmente o conceito de ciência, e que experimenta grandes períodos de não linearidade do tempo e da história, sendo os mesmo mediados por culturas que entram em choque produzindo novos instrumentos e formas de se relacionar. Com olhar crítico, o autor trata da questão das tendências irracionalistas e alienantes presentes na história que determinam um modelo a ser seguido pela sociedade pós-moderna. Paolo Rossi apresenta-se, então, como defensor da ciência, mas principalmente de uma ciência embasada na história, cujos paradigmas sejam revistos e superados, desde que a sociedade não esteja estagnada e enrijecida pela tendência a ver a ciência como independente da memória social e da construção da realidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Pesquisa bibliográfica sobre a temática da história da ciência e da epistemologia, centrada na produção de Paolo Rossi e em suas hipóteses norteadas pela escola filosófica da história das ideias. Análise de textos, levando em consideração o contexto dos autores e das obras. Redação de relatórios dissertativos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Paolo Rossi discute as possibilidades de despertar na pós-modernidade uma retomada de sentido para além de um mundo demasiadamente entregue à ilusão ou desilusão, construindo seu discurso com argumentos do materialismo-histórico. "Uma vez estabelecida a legitimidade de uma investigação histórica acerca da natureza, reabriram-se alternativas com modelos teóricos fortemente divergentes: uma história feita de progressos lentos, de mudanças uniformes e imperceptíveis; ou, então, uma história intercalada de catástrofes violentas, feita de saltos qualitativos e revoluções.

A seguir, contrapõem-se, no interior das hipóteses catastrofistas, todos quantos elegem para agentes principais o dilúvio, os terremotos, as erupções vulcânicas ou a ação da água ou do fogo. Como acontece quase sempre, as contraposições não são absolutas: dão lugar a entrelaçamentos singulares de teses diversas, a compromissos, a ecletismos" (1992, Rossi p. 9).

É importante ressaltar que as "contraposições não absolutas" são essenciais nas suas críticas ao mundo pós-moderno:

"A História passou a ser diferenciada: de quem e para quem? Qual é o passado que cada Nação, cada Estado, cada grupo social deseja e valoriza? O passado deixou de ser único e unívoco, mesmo para uma mesma sociedade. Vencedores e vencidos nas lutas sociais, culturais, econômicas e políticas

disputam os espaços da memória social, buscando encontrar o próprio significado" (GLEZER, 2002).

CONCLUSÕES

Sendo assim, ainda é possível trazer a discussão do significado da história e de seus desdobramentos sem tentar criar um significado único a todas as nações, mas sim um conjunto de significados que juntos podem criar algo promissor. Uma análise meticulosa dos entrelaçamentos da história explica a construção da realidade dos pós-modernos de forma única, compartilhada globalmente quase como um ecossistema biológico que funciona com diversidade. Ao apropriar-se dos processos históricos verdadeiramente, desvendando-os e criando novas hipóteses com respeito ao passado, sem idolatria, pensando em alternativas descartadas pelo pensamento dominante, poderíamos reavivar as esperanças de um novo mundo sem ceder a ilusões, incentivando ciências e gerando assim na sociedade pós-moderna um tipo de sobriedade que a figura do próprio historiador tem, o qual deve entender a complexidade dos eventos sem ceder ao sentimento de ir ao céu e ao inferno constantemente anunciando crenças e tendências.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Iniciação Científica PIC-UEM e ao Prof. Dr. Vladimir Chaves do Santos pelas orientações e incentivo.

REFERÊNCIAS

GLEZER, Raquel. **Tempo e história. Ciência e cultura**, v. 54, n. 2, p. 23-24, 2002.

ROSSI, P. **Os sinais do tempo. História da Terra e história das nações de Hooke a Vico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROSSI, Paolo. **Esperanças**. Tradução de Cristina Sarteschi. São Paulo: Editora da UNESP, 2013.